

Novas pesquisas de tradução e a atualidade científica de Freud

Luiz Alberto Hanns*

Resumo: Neste artigo apresento algumas das minhas pesquisas sobre a tradução de Freud e seu impacto em uma leitura contemporânea de sua obra. A partir da palavra *Trieb* (pulsão/instinto) procuro demonstrar que a teoria freudiana é de atualidade por apresentar uma teoria integrativa corpo-cérebro-mente.

Palavras-chave: novas traduções de Freud; teoria das pulsões, terminologia freudiana.

Las nuevas investigaciones traductológicas y la actualidad científica de Freud

Resumen: En este artículo presento algunas de mis investigaciones sobre la traducción de Freud y su impacto en una lectura contemporánea de su obra. Partiendo de la palabra *Trieb* (pulsión/instinto) trato de mostrar que la teoría freudiana es de actualidad por ser integradora de cuerpo, cerebro y mente.

Palabras clave: nuevas traducciones de Freud, teoría de las pulsiones, terminología freudiana.

New translation research and current scientific developments regarding Freud

Abstract: In this article I present some of my research into translating Freud and the impact translation has on contemporary readings of his work. Beginning with the word *Trieb* (drive/instinct), I attempt to show that Freudian theory is topical because it integrates body, brain and mind.

Key words: new translations of Freud, drive theory, Freudian terminology.

Panace@ 2011; 12 (34): 318-323

Recibido: 13.IX.2011. Aceptado: 17.X.2011. Versión española: pp. 324-329

Um renovado interesse por Freud

Após duas décadas durante as quais predominou em diversos meios sociais o *Freudbashing* (anos 80 e 90) as teorias freudianas têm sido objeto de renovado interesse no campo extra-psicanalítico. Neurocientistas têm retomado sua teoria, e, em diversas áreas das ciências humanas, conceitos freudianos (passada a contra-reação à “invasão psicanalítica”) acabaram sendo incorporados. Igualmente no campo da saúde mental, vários países europeus e estados americanos passaram a autorizar a psicanálise nos serviços públicos de saúde. No âmbito da psicanálise atual, apesar das muitas inovações ocorridas, e de um período de ostracismo dentro das próprias instituições de ensino e formação psicanalíticas, a obra de Freud é cada vez mais revalorizada como texto-base. Assim, não é de estranhar que a questão da tradução das suas obras seja objeto de discussões.

A celeuma em torno das traduções

Desde os anos 70 Freud é o autor de língua alemã cuja tradução é a mais debatida. O curioso é que, em geral, Freud escrevia de modo acessível visando a divulgação da psicanálise. Por que então a celeuma sobre sua tradução?

Uma das respostas é que a sua obra não é apenas lida, mas estudada. Não só por psicanalistas, mas também por filósofos, semioticistas, críticos de arte etc. Alguns textos são des-trinchados frase a frase discutindo-se “o que Freud realmente queria dizer”, dúvida alimentada por uma desconfiança das

traduções que remonta aos anos 70, época em que o debate em torno da tradução de Freud transbordou para além dos especialistas, chegando aos jornais. As discussões centravam-se nos termos psicanalíticos adotados pela prestigiosa tradução inglesa de James Strachey, *A Standard Edition of Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, que havia estabelecido um padrão terminológico internacional.

Dois autores em especial contribuíram para isto, Lacan e Bettelheim. Já desde a década de 60, Lacan criticava a terminologia psicanalítica de influência anglo-saxônica adotada pela referida tradução de Strachey, tendo trazido para os currículos dos cursos de formação em psicanálise franceses a questão da tradução. Também o livro de Bruno Bettelheim, *Freud e a alma humana*, levou para o ambiente psicanalítico anglo-saxônico o tema da tradução. Discutia-se uma revisão dos termos psicanalíticos, cuja tradução passou a ser considerada “medicalizada” e estranha à linguagem freudiana – mais ligada à experiência cotidiana e afetiva. Afora alguns termos já corriqueiros, tais como “ego”, “superego”, “id” e “narcisismo”, outros soavam demasiado estranho, tais como “catexia”, “estase”, “epistemofílico”, “anaclítico”, e seriam demasiado herméticos, ao contrário dos termos coloquiais utilizados no original alemão, respectivamente, *Besetzung* (“preenchimento”), *Stauung* (“acúmulo”), *Wissenstrieb* (“prazer de conhecer/aprender”) e *Anlehnung* (“apoiado em”).

Contudo, muitos outros autores se ocuparam do tema “Tradução” e notadamente nos anos 80 desenvolveram-se novas

* Psicanalista e tradutor de Freud. São Paulo (Brasil). lahanns@bighost.com.br.

pesquisas. Inúmeras distorções e falta de distinções conceituais foram mapeadas nas traduções em geral, colocando de certa forma todas sob suspeita e incentivando um movimento de revisão e refeitura de traduções nos diversos idiomas.

Terminologização ou estilo literário?

Se por um lado houve um consenso dos tradutores em “desmedicalizar” a linguagem psicanalítica, não houve um consenso quanto a o que colocar em seu lugar. Eliminar a terminologia técnica psicanalítica internacional e substituí-la por termos coloquiais de fácil compreensão, tal como fazia Freud em alemão, ou refazer uma nova terminologia de acordo com novos critérios?

Ocorre que o amadurecimento da psicanálise levou a uma maior formalização teórica e a uma crescente conceptualização, de modo que, apesar de algumas vertentes atuais de tradução optarem por uma radical tradução literária (Phillipson, na Inglaterra) visando a resgatar Freud como escritor (e por outro lado descuidando do rigor conceitual), de modo geral, acabou prevalecendo uma terminologização da linguagem psicanalítica (na França, uma das mais importantes traduções atuais, coordenada por Laplanche, tem um cunho radicalmente terminologizante). De modo geral atualmente prevalecem duas vertentes terminológicas: uma leitura da psicanálise francesa lacaniana e laplanchiana do inconsciente, que é de cunho filosófico-semiótico, e outra da psicanálise inglesa, que enfatiza o cunho instintual-impulsivo dos processos psicológicos. Estes “códigos terminológicos” que buscam o rigor conceitual e a coerência teórica são semanticamente mais pobres, embora conceitualmente complexos, e paradoxalmente ao perderem muito da riqueza descritiva e conotativa da linguagem de Freud se tornam conceitualmente menos rigorosos. Como tentarei demonstrar mais abaixo, ao engessar os termos em um glossário que sempre traduz do mesmo modo os termos sem levar em conta os múltiplos contextos em que Freud os utiliza e sem respeitar a polissemia das palavras, se distorcem os sentidos e se perde rigor.

Quanto à língua espanhola, embora os leitores de Freud em espanhol tenham sido privilegiados por contarem com três excelentes traduções realizadas em épocas diversas e sob pressupostos diferentes, a de Luis López-Ballesteros (1922-1934), a de Ludovico Rosenthal (1956) e a de José L. Etcheverry (1978-82), para além das qualidades tradutivas de cada um, há inúmeros aspectos semânticos que ficam necessariamente retidos no texto alemão devido a diferença entre os idiomas e que também pedem uma atualização de tradução.

Ballesteros e Rosenthal são freqüentemente elogiados pela fluidez do texto e pela fidelidade ao estilo de Freud, mas criticados por sua fraqueza no quesito conceitual e pelo pouco rigor terminológico. Etcheverry é elogiado pelo rigor terminológico-conceitual, bem como por recuperar as fontes filosóficas e antropológicas das principais idéias de Freud, mas muito criticado pela profunda alteração do estilo de Freud e por perdas de qualidades literárias e por introduzir imprecisões ao lidar com termos polissêmicos (que tem vários sentidos) alemães traduzindo-os sempre pelo mesmo termo em espanhol.

Para lidar com a tensão entre a linguagem literária e o impasse tenho realizado pesquisas que fazem uma leitura contrastiva dos termos (objeto das mais de 500 páginas do meu *Dicionário dos Termos Alemães de Freud*) e como tradutor optei por uma tradução que mantém a ênfase literária do texto de Freud, para que os que desejem ler Freud possam fazê-lo com o mesmo prazer e fluidez dos leitores alemães, mas acompanhei cada capítulo com um extenso corpo de notas explicativas para os que desejam estudar Freud.

A sabedoria psicológica contida nos idiomas

Hoje já se tornou lugar comum dizer que a língua alemã e o estilo de Freud ocupam um lugar central na teoria psicanalítica. Seu estilo e prosa são elogiados por leitores alemães (Freud ganhou o prêmio literário Goethe), além disso, pela sua lógica e clareza de exposição, Freud foi considerado pela escola de Viena como exemplo de rigorosa ciência positivista. Daí seu estilo ser denominado por alguns estudiosos atuais de “prosa científica”.

Freud tirava partido da vivacidade de certos termos e da facilidade de se compor palavras em alemão para cunhar conceitos em uma linguagem expressiva e próxima da experiência pessoal. Além disso, se apoiava na sabedoria psicológica embutida nos idiomas para apontar etimologicamente para os nexos entre fenômenos psíquicos aparentemente desconectados. A linguagem de Freud enfatiza nexos entre teoria da evolução, fatores constitutivos (hoje diríamos fatores genéticos), ambiente experiencial (educação e cultura) e situação atual (contingência). Neste sentido é uma teoria integrativa psico-neuro-endócrino-cultural, como procurarei ilustrar a partir do exemplo de tradução da palavra *Trieb* (“instinto” ou “pulsão”, conforme a escola de tradução). Antes, contudo, penso que vale, a partir de dois breves exemplos, dar ao leitor uma dimensão da importância dos problemas de tradução no texto freudiano.

Alguns exemplos dos problemas de tradução

Em meus estudos e pesquisas localizei diversos exemplos de deslizamento que até hoje ainda são ignorados em algumas das novas traduções.

Por incrível que pareça, algumas vezes importantes perdas de sentido ocorrem até mesmo quando o idioma de chegada oferece os mesmos recursos semânticos do alemão e onde o contexto psicanalítico parece dar ao leitor plenas condições de perceber as significações. Isto se deve ao fato de que, mesmo quando as palavras têm significados semelhantes em ambos os idiomas, o entendimento dos termos em cada língua desliza em direção a um núcleo de significação mais habitual e arraigado naquele idioma. A seguir dois exemplos de como deslizamentos sutis de sentido interferem fortemente na compreensão da teoria e clínica.

A palavra *Versagung* (“impedimento”, “bloqueio”, “solapamento”) é traduzida para o espanhol por *frustración*, para o inglês por *frustration*, para o francês por *frustration* e para o português por “frustração”. Apesar de “frustrar” poder ser eventualmente entendido na acepção de “bloquear” (por exemplo, “conseguir frustrar as intenções do inimigo”) nota-

se uma tendência de sua compreensão deslizar em direção ao significado de “decepção” ou “estado de amargura”, ou ainda “expectativa insatisfeita”. E é neste sentido que o termo tem sido compreendido no texto freudiano, causando alguns mal-entendidos. Contudo, “decepção”, em alemão, se designa por outro termo, *Enttäuschung*, vocábulo pouco usado por Freud e geralmente empregado no contexto do fracasso da alucinação. Este tipo de distorção causado pelo deslizamento ao longo da polissemia da palavra frustração (de “bloqueio” para “decepção”) tem implicações decisivas na compreensão do processo de etiologia das neuroses e na prática clínica. Para Freud (e aliás também para Melanie Klein) a *Versagung* (frustração no sentido de impedimento) é o desencadeador da neurose. A clínica de Freud não visava aumentar a tolerância à “frustração” na acepção de *Enttäuschung*, mas manter o paciente sob “frustração” na acepção de *Versagung* para que, ao contrário de “tolerar a decepção-amargura”, o paciente entre em estado de “pressão” (*Drang*, palavra que embora mal-traduzida por “pressão” significa algo como “ânsia”, “afã”) e intolerância. O *Drang* (“ânsia”, “afã”), considerado por Freud a essência da pulsão, transforma então a “necessidade” (*Not*, ἀνάγκη, ananke) em ação. No caso da *Versagung*, trata-se, pois justamente do contrário da “tolerância à decepção”, o intento é promover a circulação das pulsões para evitar que frente ao impedimento (*Versagung*, parte essencial da vida em cultura) ocorra a frustração (*Enttäuschung*). Trata-se, portanto de aumentar a “tolerância ao impedimento” (*Versagung*). O oposto do que geralmente é entendido pelos autores que discutem o conceito de *Versagung*!

Uma leitura dos casos clínicos e escritos técnicos de Freud, onde se trata da *Versagung*, permite visualizar bastante bem esta estratégia clínica. Freud menciona em inúmeros artigos ao longo de sua obra que o paciente adoece sempre devido a uma *Versagung*. Também neste contexto é importante diferenciar *Versagung* de *Enttäuschung*, a idéia de Freud não é que, após tanta “frustração”, o paciente esteja tão devastado emocionalmente que não tenha condições de prosseguir. O argumento de Freud é que quando o ser humano é impedido de satisfazer as pulsões e se não dispuser de recursos psíquicos para buscar outras formas de circulação pulsional, ele sucumbirá à estase (*Stauung*, melhor traduzido por “acúmulo/inchaço”) e a um *Drang* (pressão, ânsia) que não encontrará vias de saída. Desta forma a energia pulsional não logra se transformar nem em ação, nem em sublimação, e há o impasse pulsional e o colapso de economia psíquica.

Um outro caso de sutil distorção é o que ocorre com o termo *Abfuhr*. Apesar das palavras *discharge* (inglês), *descarga* (espanhol e português), *décharge* (francês), traduzirem bem o sentido de *Abfuhr* em seus respectivos idiomas, estes termos tendem a ser entendidos como “descarga rápida” (rajada ou disparo). *Abfuhr*, em alemão, tende a ser compreendido como descarga lenta e processual (“levar embora”, “esvaziamento”, “escoamento”). As implicações teóricas e clínicas destas diferenças não são poucas. Envolvem toda a concepção da circulação pulsional, a qual, em Freud, é justamente o contrário da descarga como “rajada”. Este tema liga-se à teoria freudiana da saúde psíquica, a qual se refere à elaboração (*Ve-*

arbeitung) interna, isto é, à possibilidade de uma circulação pulsional-afetiva-imagética onde as transformações se tornam possíveis pelos “escoamentos internos” (*innere Abfuhr*), isto é, pensamentos e suas conexões com afetos.

Como estes há diversos outros exemplos de termos centrais na teoria psicanalítica que sofrem efeitos de deslizamentos de tradução.

Uma leitura contrastiva da obra de Freud

Estas e muitas outras alterações semânticas levam a que se esmaça a unidade que existe no original alemão, onde se justapõem duas dimensões, uma que interliga lingüisticamente as palavras e outra que estabelece conexões teóricas entre os conceitos psicanalíticos designados por tais palavras.

Importantes tramas de termos ligados a *Leit motive* freudianos em alemão compõem palavras que pertencem às mesmas famílias semânticas. Por exemplo, a corrente de termos ligados à “imagem-pensamento-fantasia-imaginação-anelo-desejo” (*Bild, Vorstellung, Wunsch, Phantasie*) ou que se referem ao que impele a vida ligadas ao “espicar-ansiar-provocar-compelir” (*Trieb, Drang, Reiz, Zwang*), ou ao aumento de tensão “elevação-pressão-relação de força-tensão-acúmulo” (*Steigerung, Druck, Kräfteverhältnis, Spannung, Stauung*). Tais redes semânticas alemãs se desmancham ao se traduzir os termos como se fossem conceitos isolados e fixos e involuntariamente se acomodam em novas e diferentes redes semânticas de cada idioma (o que não seria problema se fosse um ato planejado do tradutor). Por outro lado, em muitos casos, os conceitos psicanalíticos são designados por palavras alemãs, que abrangem um campo semântico diferente do que os equivalentes em outras línguas. Isto causa não só distorções no sentido dos termos, mas também enfraquece parte dos enlaçamentos semânticos, das ênfases e dos jogos de palavras, dos quais Freud se serviu. Diferenças semânticas que começam sutis acabam, às vezes, por conduzir o entendimento do texto a paragens bem longínquas do original.

Contudo, antes que pareça que eu esteja sugerindo que, apesar da lógica interna da obra, seja impossível ler Freud em outro idioma que em alemão, gostaria de afirmar justamente o contrário: foram os tradutores de Freud e os psicanalistas estrangeiros que revelaram o valor de várias palavras alemãs que hoje se transformaram em clássicos da psicanálise e a maioria das traduções já incorporou tais estudos e comentários. Isto não é de surpreender já que geralmente só nos damos conta das palavras que utilizamos quando temos dificuldade em manuseá-las, ou se nos pomos numa perspectiva externa ao nosso próprio idioma. Assim, se o leitor estrangeiro está em desvantagem no estudo do texto freudiano, ele pode, por outro lado, tirar partido de sua condição de estrangeiro perante o texto alemão, enquanto que o leitor alemão, por vezes, nem se dá conta das palavras, de tão naturais que lhe parecem.

Talvez neste ponto tenha ficado claro que mais interessante do que ler Freud em alemão é realizar uma discussão contrastiva do alemão de Freud a partir de outro idioma. Apesar das, por vezes, surpreendentes diferenças que se encontram entre o texto alemão e suas versões para o espanhol, inglês, francês, italiano e português, é claro que a maioria dos senti-

dos das idéias freudianas não se perdeu na passagem a outros idiomas e que há uma lógica interna da obra que ultrapassa questões tópicas de tradução.

A seguir abordarei a teoria e a clínica pulsionais, pois nestas ocorrem perdas relevantes de sentidos e se esmaecem importantes articulações conceituais. O leitor será familiarizado com aspectos da terminologia alemã de Freud e com certas interligações teórico-semânticas dentro dos textos originais.

Espero, assim, não só evidenciar a atualidade da teoria pulsional freudiana, como também somar meus esforços aos autores que têm contribuído para que tais questões deixem de ser assunto de especialistas em tradução e se incorporem ao cotidiano da leitura de Freud.

Por que tratar da teoria e clínica das pulsões?

No pensamento freudiano a pulsão não é só um sítio privilegiado de disputas terminológicas e interpretativas entre as escolas freudianas, mas uma questão de muita relevância teórica e clínica. Ainda num de seus últimos escritos Freud fala de um “tratamento psicanalítico dos conflitos pulsionais” (*Triebbehandlung*) (Análise Terminável e Interminável, 1937). Pulsões e conflitos pulsionais são temas fundamentais que estão entrelaçados, a partir dos quais se organiza grande parte do arcabouço teórico freudiano e através dos quais questões como o “desejo”, a “angústia”, a “transferência”, etc., se desenvolvem.

Não é por acaso que, na história da psicanálise, algumas das alternativas de tradução transformaram-se em bandeirinha entre as escolas freudianas, principalmente inglesas e francesas, pois afetam a compreensão e a transmissão da psicanálise. Na psicanálise de língua espanhola, italiana e portuguesa estes debates se repetem, em função das filiações às escolas e pela proximidade da terminologia psicanalítica destes idiomas com os termos latinos empregados em francês e inglês.

O que significa a palavra pulsão (*Trieb*) em alemão

Em se tratando da palavra *Trieb*, tradutores e analistas se dividem em dois grupos. Há os que cerram fileiras em torno da tradução por “instinto” (calcado na tradução inglesa que emprega *instinct*) e os defensores da alternativa “pulsão” (baseado nas traduções francesas que utilizam *pulsion*). Nem “instinto” nem “pulsão” cobrem os significados do termo alemão. Para estudar a teoria freudiana de *Trieb*, mais que apoiar-se numa das duas opções de tradução é útil conhecer o sentido alemão da palavra que Freud empregou.

Os significados mais comuns de *Trieb* em dicionários alemães estão muito próximos uns dos outros e correlacionados a um núcleo básico de sentido: algo que “propulsiona”, “coloca em movimento”, “aguilhoa”, “toca para frente”, “não deixa parar” e “empurra”. Abaixo os principais significados atualmente dicionarizados do termo:

1. Força interna que impele ininterruptamente para a ação, ímpeto perene (também utilizado como verbo). *Sentia um ímpeto de viver, de viajar, de conhecer novas terras e pessoas.*

2. Tendência, inclinação. *Ele segue cegamente suas inclinações sem respeitar nada e ninguém.*
3. Instinto, força inata de origem biológica dirigida a certas finalidades. *A criança tem um instinto de mamar.*
4. Ânsia, impulso no sentido de algo que toma o sujeito, vontade intensa (também utilizado como verbo). *O assassino sentiu um impulso (ânsia) de matar.*
5. Broto, rebento (vegetais). Designa na botânica o broto que nasce do caule (também utilizado como verbo). *Um novo broto apareceu esta semana.*

A palavra alemã *Trieb* era empregada há séculos, na língua corrente, bem como na linguagem comercial, religiosa, científica, e filosófica. Para melhor cercar o termo em seu colorido e polissemia, vale uma breve consulta ao monumental dicionário, *Deutsches Wörterbuch*, um sucesso editorial na época de Freud. Nele os autores, irmãos Grimm, apresentam dezenas de exemplos para o uso de *Trieb* na linguagem corrente, literária, comercial, técnica, na biologia, na mecânica, na filosofia, e na psicologia, coligidos de várias épocas e regiões de língua alemã. Grande parte destes usos continua atual.

Os empregos do termo descritos a seguir são apenas um resumo do extenso item em que os irmãos Grimm tratam do verbete *Trieb*:

- a) Designa a ação de *treiben* (tocar, tanger) o gado, bem como a atividade de tocar animais que estão sendo caçados.
- b) Na linguagem literária e filosófica do século XVI aparece na acepção de propulsor externo, significando “estímulo” (*Reiz*), ou no sentido de compulsão/coerção (*Zwang*), ou ainda como um princípio maior *Instinctus Divinus*, referindo-se em geral a elementos que são internalizados. Também é empregado na acepção de objetivo, motivo, algo que estimula e impele. Uma motivação externa ou interna (espontânea).
- c) Tem o sentido de processo mecânico transitivo e intransitivo, designando o empurrar, a propulsão (frequentemente referindo-se à força de propulsão da água); aparece na técnica de artilharia como sinônimo de tiro, ou ainda como sinônimo de força que impele o tiro. Também designa a força motriz em máquinas e do vento.
- d) Na botânica o termo se refere à força orgânica que faz brotar, remete à imagem de força dos seres vivos em geral, expressa o *Drängen* (pressionar/ansiar) inerente aos seres vivos, o qual promove a saída de dentro para fora.
- e) Num uso bastante incomum é encontrado também no sentido de forte influência ou tortura (*quälen, plagen, Peinigung*).
- f) Na acepção de força motriz interna aparece como *Drang* (ânsia, vontade, pressão, necessidade), *Lust* (prazer-vontade) e *Energie* (energia). Pode referir-

se a uma força interna indefinida que tem efeito em geral espontâneo. Pode ter o sentido de um *Drang* (ânsia, pressão) com um objetivo definido. Também é empregado como significando um temperamento forte, ou tenacidade.

- g) Na filosofia e psicologia do século XVIII tem o sentido de *Instinct* e designa as emoções (*Regungen*) primitivas e naturais. Também é empregado em composição com outros termos para nomear instintos específicos (*Äußerungstrieb*, instinto de expressar; *Nachahmungstrieb*, instinto de imitar; etc.)
- h) Na literatura e poesia aparece em conexão com o amor e a sensualidade.

Pode-se reconhecer neste uso variado diversos aspectos também presentes no texto de Freud. Apenas a título de menção fica adiantado que há uma relação entre *Trieb*, estímulo (*Reiz*), pressão (*Drang*), prazer-vontade (*Lust*) e coerção-compulsão (*Zwang*), idéia/representação (*Vorstellung*). Estes termos são ocasionalmente sinônimos e estão interligados como se notará pela tabela mais abaixo.

Se tomarmos o conjunto dos empregos do termo encontrados em antigos e atuais dicionários, notaremos que de forma geral se trata de uma Força Impelente dos seres vivos. Podemos didaticamente classificar a manifestação do *Trieb* em quatro níveis.

1. Na língua alemã, bem como no texto de Freud, o *Trieb* pode se manifestar genericamente como uma grande Força que Impele ou Princípio da Natureza (em Freud, pulsão de vida, de morte, etc.).
2. Esta mesma grande Força que Impele pode manifestar-se como Força Biológica específica de cada espécie (pulsão de reprodução, de mamar, de gregarismo).
3. Finalmente o *Trieb* pode aparecer como manifestação dessa Força que Impele na esfera do indivíduo. A Força Impelente e motivadora (o *Trieb*) brotará no indivíduo como fenômeno somático-energético. É descrita por Freud como: A) processo fisiológico que envolve neurônios, nervos, fontes pulsionais situadas em glândulas, etc. e, B) processo energético-econômico onde está em jogo o acúmulo de energia, a circulação e a descarga.
4. Por outro lado, o *Trieb* aparecerá para o indivíduo, isto é, será percebido como fenômeno psíquico (idéia, vontade, dor, medo, sensações, impulso) e irá impeli-lo para certas ações.

A tabela a seguir ilustra o uso do termo conforme os critérios descritos acima. O termo vai do sentido mais geral ao mais específico; isto ocorre tanto no arco completo abarcado pelo conceito, quanto dentro de cada uma das colunas. Por exemplo, na esfera da biologia, pode-se considerar que há pulsões mais genéricas (reproduzir-se) e outras mais específicas (reproduzir-se assexuadamente):

A Pulsão na Língua Alemã			
Dimensões onde se manifesta			
Na Natureza em Geral	Nas Espécies Biológicas	No indivíduo da Espécie	Para o indivíduo da Cultura
Formas de manifestação			
Grande Força que Impele	Instintos, ou Disposições	Estímulos, ou Impulsos Nervosos	Imagem Interna, Impulso, Idéia, Representação, Afeto, Tendência, Necessidade, Vontade
Campos de investigação			
Sentido (filosofia da biologia)	Finalidade (paradigma biológico)	Fisiologia (visão neuroanatômica)	Mundo Psíquico (psicologia)

A seguir mais algumas observações sobre *Trieb*, que serão úteis para compreendê-lo no contexto freudiano.

- a) Como ocorre com vários termos da língua alemã *Trieb* designa tanto o agente externo quanto o efeito percebido internamente, portanto indica a força que impele e a sensação que ela provoca (sob a forma de vontade, impulso, desejo, etc.)
- b) *Trieb* na língua alemã pode tanto assumir a forma de um “instinto”, quanto de um “querer”, situa-se anteriormente a ambos. O *Trieb* designa um impulso que simplesmente existe, tal qual o “impulso a respirar”, ele é a “base do próprio querer”, a base comum a partir da qual se gera a necessidade, a ânsia, a vontade, o querer e o desejo.
- c) Quanto ao seu colorido afetivo o *Trieb*, quando brota no sujeito, é inicialmente um estímulo que incentiva e é agradável (por exemplo um apetite de comer). Quando não é possível realizá-lo, ele se acumula e se transforma de “incentivo” em “imperativo” que impele maciçamente (fome, necessidade de comer). Ou seja, não é de imediato percebido como torturante ou desagradável, torna-se torturante se não o realizarmos (ou não o satisfizermos), por exemplo, não respirar, não comer, etc. Assim no emprego em alemão há um continuum entre o prazer e desprazer, entre uma comichão e um imperativo. E tal como se observa nas necessidades corporais (comer, respirar, etc.) o *Trieb* manifesta-se de forma incessante, como se fosse um “gerador” que reenvia estímulos ininterruptamente, os quais vão se acumulando em ciclos curtos (por exemplo, respirar) ou longos (por exemplo, reproduzir-se).
- d) O termo *Trieb* pode eventualmente ser empregado em alemão na acepção de “instinto” significando

uma sequência de ações estereotipadas, mas geralmente quando é usado no sentido de “instinto” refere-se a uma força biológica motivadora que leva os membros da espécie a agir visando sempre a mesma finalidade. Ocasionalmente, em alemão, se utiliza *Trieb* como sinônimo de *Instinkt*. Ambos podem ser empregados para seres humanos ou animais, bem como ambos podem referir-se à biologia ou à percepção psíquica dos impulsos ou tendências. Se há alguma diferença entre os dois termos é de natureza conotativa e de amplitude de significação, não se trata de diferenças entre aquilo que é biológico-animal e o que é humano. Em geral o *Trieb* abarca todo o arco que se inicia na origem como Força Impelente Geral dos Seres Vivos e desemboca como Impulso ou Tendência do Indivíduo, enquanto que *Instinkt* se refere primordialmente à manifestação dessa Força na espécie como Tendência de Comportamento Dirigido a Atividades e Objetos Determinados. Apesar de Freud em geral empregar *Trieb*, ocasionalmente utiliza, bem de acordo com o emprego alemão do termo, também a palavra *Instinkt* como sinônimo de *Trieb* e a aplica a seres humanos.

- f) O termo *Trieb*, quando usado no sentido de força natural ou princípio biológico da espécie, é algo carregado de indeterminação, que remete a uma origem intangível, que evoca a idéia de força, de atemporalidade e de um arcaísmo. É algo genérico e impessoal, maior que o sujeito isolado.

De tudo o que foi exposto neste artigo pode-se depreender que a palavra *Trieb* tem usos bastante variados e ricos. Contudo, tais usos estão espalhados na língua e ocorrem de maneira estanque em muitos contextos diferentes. Não se deve imaginar que a palavra, no seu emprego cotidiano, enfeixe sempre simultaneamente todas suas possibilidades de emprego, ou que o termo se constitua como um conceito articulado. Como conceito, *Trieb* é empregado no contexto de sistemas teóricos específicos, na filosofia, na biologia, na teologia, na psicologia, etc.

Freud, além de utilizar o termo a partir de seu uso coloquial e popular, sofreu influência de diversos campos do pensamento, pelo que é difícil discriminar de onde procedem tais influências. Mesmo que se encontrem paralelos do *Trieb* freudiano na literatura (por exemplo em Schnitzler e Fontane), em determinados filósofos (por exemplo em Schopenhauer e Nietzsche), na psiquiatria romântica, na biologia ou na religião judaica, as idéias já estavam há muito demasiadamente disseminadas pela cultura para que se possa determinar a quem se deve a originalidade de alguma concepção de *Trieb*.

A originalidade e contribuição de Freud não foi ter criado o conceito de *Trieb* propriamente dito, mas ter inserido o conceito num constructo psicanalítico, no qual as pulsões sexuais e destrutivas ocupam um lugar central, bem como propor um tratamento possível dos conflitos pulsionais. Ademais, ao contrário do que dogmaticamente muitos comentadores afirmam, *Trieb* não se refere a algo especificamente humano, não se contrapõe a “necessidade”, “instinto”, “impulso” ou

“desejo” (*Trieb* os engloba). Novamente aqui, passagens mal traduzidas, redes semânticas perdidas propiciaram a que tais interpretações, em franco desacordo com o texto freudiano, vicejassem na teoria psicanalítica contemporânea.

À guisa de conclusão

Destacou-se a continuidade conceitual e semântica que conduz o *Trieb* da esfera carnal ao mundo interno das imagens e dos desejos, indicando que não se impõe um corte radical entre o Freud fisiologista, biólogo e determinista e o Freud psicanalista, pensador da cultura e teorizador do inconsciente. Eles se alternam não só ao longo da obra, como às vezes dentro de um mesmo texto. Portanto, o percurso do *Trieb* na teoria psicanalítica transita por diversas instâncias. Abrange a totalidade dum corpo integrado, inclui a síntese de pulsões parciais, bem como um amalgamento de pulsões contraditórias entre si, e implica uma circulação simbolizada. Quando Freud considera aspectos econômicos, dinâmicos, e tópicos, ele o faz em conexão com especificidades da história individual do paciente, bem como com questões amplas da cultura (valores morais, hábitos, etc.).

É desta mobilidade da pulsão e da sua inerente capacidade de amalgamentos que surge a possibilidade de um tratamento dos conflitos pulsionais. Freud destaca que o tratamento dos conflitos pulsionais se dá pela ação das palavras que se ressignificam na esfera representacional e permitem aos afetos utilizarem novos suportes imagético-linguísticos para desencadear ações de descarga modulada.

Freud sempre ressalta como é precária a condição do ser humano em cultura, um ser cujo destino é estar cronicamente sobrecarregado de estímulos pulsionais e condenado à descarga e, ao mesmo tempo, obrigado a compatibilizar a tendência do processo primário de descarregar libido de forma caótica com a necessidade - imposta pelas circunstâncias de vida - de reter a libido e descarregá-la de forma mais regulada.

Referências

- Bettelheim, Bruno (1983): *Freud e a alma humana*. São Paulo: Cultrix.
- Freud, Sigmund (1895/1977): *Projeto para uma psicologia*. ESB. 1. Rio de Janeiro: Imago. Tradução de José Meurer.
- Freud, Sigmund (1905/1976): *Três ensaios sobre a sexualidade*. ESB. 7. Rio de Janeiro: Imago. Tradução de Vera Ribeiro.
- Freud, Sigmund (1914/1974): *Sobre o narcisismo: uma introdução*. ESB. 14. Rio de Janeiro: Imago. Tradução de Themira Brito, Paulo Britto e Christiano Oiticica.
- Freud, Sigmund (1915/1976): *Pulsões e destinos da pulsão*. ESB. 15. Rio de Janeiro: Imago. Tradução de José Meurer.
- Freud, Sigmund (1937/1976): *Análise terminável e interminável*. ESB. 23. Rio de Janeiro: Imago. Tradução de Christiano Oiticica.
- Freud, Sigmund (1953-1974): *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. Londres: Hogarth Press. Tradução do alemão para o inglês de James Strachey.
- Hanns, Luiz Alberto (2001): *Dicionário dos termos alemães de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Vários autores (1994): *Wahrig Deutsches Wörterbuch*. Munique: Bertelsmann.